

# S M C G C H R O P

Lima Barreto José de Alencar  
Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Pero Vaz de Caminha Cruz e Souza

Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

**VIRTUALBOOKS**

# **PRODUÇÕES SATÍRICAS E BOCAGEANAS BERNARDO GUIMARÃES**

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,  
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

#### **Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



[www.terra.com.br/virtualbooks](http://www.terra.com.br/virtualbooks)

Copyright © 2000/2002 Virtualbooks  
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.  
Rua Benedito Valadares, 429 – centro  
35660-000 Pará de Minas - MG  
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

# **PRODUÇÕES SATÍRICAS E BOCAGEANAS**

## **BERNARDO GUIMARÃES**

### **AO LEITOR**

*D'un pinceau delicat l'artifice agreable  
Du plus hideux object fait un object fait aimable*  
Boileau

No intuito de perpetuar estes versos de um poeta nosso bem conhecido, os fazemos publicar pela imprensa, que, sem dúvida pode salvar do naufrágio do esquecimento poesias tão excelentes em seu gênero, e cuja perpetuidade alguns manuscritos, por aí dispersos e raros, não podem garantir do tempo.

A lira do poeta mineiro tem todas as cordas; ele a sabe ferir em todos os tons e ritmos diferentes com mão de mestre.

Estes poemas podem se chamar erótico-cômicos. Quando B.G. escrevia estes versos inimitáveis, sua musa estava de veia para fazer rir, e é sabido, que para fazer rir são precisos talentos mais elevados do que para fazer chorar.

Estes versos não são dedicados às moças e aos meninos. Eles podem ser lidos e apreciados pelas pessoas sérias, que os encarecem pelo lado poético e cômico, sem ofensa da moralidade e nem tão pouco das consciências pudicas e delicadas.

Repugnam-nos os contos obscenos e imundos, quando não têm o perfume da poesia; esta, porém, encontrará aceno e acolhimento na classe dos leitores de um gosto delicado e no juízo destes será um florão de mais juntado à coroa de poeta de que B.G. tem sabido conquistar à força de seu gênio.

Ouro Preto, 7 de maio de 1875

### **DISPARATES RIMADOS**

Quando as fadas do ostracismo,

Embrulhadas num lençol,  
Cantavam em si bemol  
As trovas do paroxismo,  
Veio dos fundos do abismo  
Um fantasma de alabastro  
E arvorou no grande mastro  
Quatro panos de toicinho,  
Que encontrara no caminho  
Da casa do João de Castro.

Nas janelas do destino,  
Quatro meninos de rabo  
Num só dia deram cabo  
Das costelas de um supino.  
Por tamanho desatino,  
Mandou o Rei dos Amores  
Que se tocassem tambores  
No alto das chaminés  
E ninguém pusesse os pés  
Lá dentro dos bastidores.

Mas este caso nefando  
Teve sua nobre origem  
Em uma fatal vertigem  
Do famoso conde Orlando.  
Por isso, de vez em quando,  
Ao sopro do vento sul,  
Vem surgindo de um paul  
O gentil Dalai-lama,  
Atraído pela fama  
De uma filha de Irmensul.

Corre também a notícia  
Que o Rei Mouro, desta feita,  
Vai fazer grande colheita  
De matéria vitalícia.  
Seja-lhe a sorte propícia,  
É o que mais lhe desejo.  
Portanto, sem grande pejo,  
Pelo tope das montanhas,  
Andam de noite as aranhas  
Comendo cascas de queijo.

O queijo — dizem os sábios —

É um grande epifonema,  
Que veio servir de tema  
De famosos alfarrábios.  
Dá três pontos nos teus lábios,  
Se vires, lá no horizonte,  
Carrancudo mastodonte,  
Na ponta de uma navalha,  
Vender cigarros de palha,  
Molhados na água da fonte!...

Há opiniões diversas  
Sobre dores de barriga:  
Dizem uns que são lombrigas;  
Outros, que vêm de conversas.  
Porém as línguas perversas  
Nelas vêem grande sintoma  
De um bisneto de Mafoma,  
Que, sem meias, nem chinelas,  
Sem saltar pelas janelas,  
Num só dia foi a Roma.

### **A ORIGEM DO MÊNSTRUO**

De uma fábula inédita de Ovídio, achada nas escavações de Pompéia e vertida em latim vulgar por Simão Nuntua

'Stava Vênus gentil junto da fonte  
Fazendo o seu pentelho,  
Com todo o jeito, p'ra que não se ferisse  
Das cricas o aparelho.

Tinha que dar o cu naquela noite  
Ao grande pai Anquises,  
O qual, com ela, se não mente a fama,  
Passou dias felizes...

Rapava bem o cu, pois resolvia,  
Na mente altas ideias:  
— Ia gerar naquela heróica foda  
O grande e pio Enéias.

Mas a navalha tinha o fio rombo,  
E a deusa, que gemia,

Arrancava os pentelhos e, peidando,  
Caretas mil fazia!

Nesse entretanto, a ninfa Galatéia,  
Acaso ali passava,  
E vendo a deusa assim tão agachada,  
Julgou que ela cagava...

Essa ninfa travessa e petulante  
Era de gênio mau,  
E por pregar um susto à mãe do Amor,  
Atira-lhe um calhau...

Vênus se assusta. A branca mão mimosa  
Se agita alvoroçada,  
E no cono lhe prega (oh! caso horrendo!)  
Tremenda navalhada.

Da nacarada cona, em sutil fio,  
Corre purpúrea veia,  
E nobre sangue divino como  
As águas purpureia...

(É fama que quem bebe desta águas  
Jamais perde o tesão  
E é capaz de foder noites e dias,  
Até no cu de um cão!)

— “Ora porra!” — gritou a deusa irada,  
E nisso o rosto volta...  
E a ninfa, que conter-se não podia,  
Uma risada solta.

A travessa menina mal pensava  
Que, com tal brincadeira,  
Ia ferir na mais morosa parte  
Da deusa regateira...

— “Estou perdida!” — trêmula murmura  
A pobre Galatéia,  
Vendo o sangue a correr do róseo cono  
Da poderosa déia...

Mas era tarde! A Cípria, furibunda,

Por um momento a encara,  
E, após instantes, com severo acanto,  
Nesse clamor dispara:

“Vê! Que fizeste, desastrada ninfa,  
Que crime cometeste!  
Que castigo há no céu, que punir possa  
Um crime como este?!

Assim, por mais de um mês inutilizas  
O vaso das delícias...  
E em que hei de gastar das longas noites  
As horas tão propícias?

Ai! Um mês sem foder! Que atroz suplício...  
Em mísero abandono,  
Que é que há de fazer, por tanto tempo,  
Este faminto cono?...

Ó Adonis! Ó Júpiter potente!  
E tu, mavorte invicto!  
E tu, Aquiles! Acode de pronto  
De minha dor ao grito!

Esse vaso gentil que eu tencionava  
Tornar bem fresco e limpo  
Para recreio e divinal regalo  
Dos deuses do Alto Olimpo,

Vede seu triste estado, ó! Que esta vida  
Em sangue já se esvai-me!  
Ó Deus, se desejas ter foda certa  
Vingai-vos e vingai-me!

Ó ninfa, o teu cono sempre atormente  
Perpétuas comichões,  
E não aches quem jamais nele queira  
Vazar os seus culhões...

Em negra podridão imundos vermes  
Roam-te sempre a crica,  
E à vista dela sinte-se banzeiro  
A mais valente pica!

De eterno esquentamento flagelada,  
Verta fétidos jorros,  
Que causem tédio e nojo a todo mundo,  
Até mesmo aos cachorros!!!”

Ouviu-lhe estas palavras piedosas  
Do Olimpo o Grão-Tonante,  
Que em pívia ao sacana do Cupido  
Comia neste instante...

Comovido no íntimo do peito,  
Das lástimas que ouviu,  
Mandou o menino que, de pronto, acuda  
À puta que o pariu...

Ei-lo que, pronto, tange o veloz carro  
Da concha alabastrina,  
Que quatro aladas porras vão tirando  
Na esfera cristalina

Cupido que as conhece e as rédeas bate  
Da rápida quadriga,  
Co’a voz ora as alenta, ora co’a ponta  
Das setas as fustiga.

Já desce aos bosques onde a mãe aflita,  
Em mísera agonia,  
Com seu sangue divino o verde musgo  
De púrpura tingia...

No carro a toma e num momento chega  
À olímpica morada,  
Onde a turba dos deuses, reunida,  
A espera consternada!

Já Mercúrio de emplastros se aparelha  
Para a venérea chaga,  
Feliz porque naquele curativo  
Espera certa paga...

Vulcano, vendo o estado da consorte,  
Mil pragas vomitou...  
Marte arranca um suspiro que as abóbadas  
Celestes abalou...

Sorriu a furto a ciumenta Juno,  
Lembrando o antigo pleito,  
E Palas, orgulhosa lá consigo,  
Resmoneou: — “ Bem feito!”

Coube a Apolo lavar dos roxos lírios  
O sangue que escorria,  
E de tesão terrível assaltado,  
Conter-se mal podia!

Mas, enquanto se fez o curativo,  
Em seus divinos braços,  
Jove sustém a filha, acalentando-a  
Com beijos e com abraços.

Depois, subindo ao trono luminoso,  
Com carrancudo aspecto,  
E erguendo a voz troante, fundamenta  
E lavra este Decreto:

—“Suspende, ó filho, os lamentos justos  
Por tão atroz delito,  
Que no tremendo Livro do Destino  
De há muito estava escrito.

Desse ultraje feroz será vingado  
O teu divino cono,  
E as imprecações que fulminaste  
Agora sanciono.

Mas, ainda é pouco: — a todas as mulheres  
Estenda-se o castigo  
Para expiar o crime que esta infame  
Ousou para contigo...

Para punir tão bárbaro atentado,  
Toda humana crica,  
De hoje em diante, lá de tempo em tempo,  
Escorra sangue em bica...

E por memória eterna chore sempre  
O cono da mulher,  
Com lágrimas de sangue, o caso infando,

Enquanto mundo houver..."

Amém! Amém! Com voz atoadora  
Os deuses todos urram!  
E os ecos das olímpicas abóbadas,  
Amém! Amém! Sussurram...

### ELIXIR DO PAJÉ

*Lasciva est nobis pagina, vita proba.*

Que tens, caralho, que pesar te oprime  
Que assim te vejo murcho e cabisbaixo,  
Sumido entre essa imensa pentelheira,  
Mole, caindo pela perna abaixo?

Nessa postura merencória e triste,  
Para trás tanto vergas o focinho,  
Que eu cuido vais beijar, lá no traseiro,  
Teu sórdido vizinho!

Que é feito desses tempos gloriosos  
Em que erguias as guelras inflamadas,  
Na barriga me davas de contínuo  
Tremendas cabeçadas?...

Qual hidra furiosa, o colo alçando,  
Co' a sanguinosa crista açoitas os manes,  
E sustos derramando  
Por terras e por mares,  
Aqui e além atira mortais botes,  
Dando co' a cauda horríveis piparotes,  
Assim tu, ó caralho,  
Erguendo o teu vermelho cabeçalho,  
Faminto e arquejante,  
Dando em vão rabanadas pelo espaço,  
Pedias um cabaço!

Um cabaço! Que era este o único esforço,  
Única empresa digna de teus brios;  
Porque surradas conas e punhetas

São ilusões, são petas,  
Só dignas de caralhos doentios.

Quem extinguiu-te assim o entusiasmo?  
Quem sepultou-te nesse vil marasmo?  
Acaso p'ra teu tormento,  
Endefluxou-te algum esquentamento?

Ou em pívias estéries te cansaste,  
Ficando reduzido a inútil traste?  
Por ventura do tempo a destra irada  
Quebrou-te as forças, envergou-te o colo,

E assim deixando-te pálido e pendente,  
Olhando para o solo,  
Bem como inútil lâmpada apagada  
Entre duas colunas pendurada?

Caralho sem tesão é fruta chocha,  
Sem gosto nem chorume,  
Lingüiça com bolor, banana podre,  
É lampião sem lume,  
Teta que não dá leite,  
Balão sem gás, candeia sem azeite.

Porém não é tempo ainda  
De esmorecer,  
Pois que teu mal ainda pode  
Alívio ter.

Sus, ó caralho meu, não desanimes,  
Que inda novos combates e vitórias  
E mil brilhantes glórias  
A ti reserva o fornicante Marte,  
Que tudo vencer pode: engenho e arte.

Eis um santo elixir milagroso,  
Que vem de longes terras,  
Transpondo montes, serras,  
E assim chegou por modo misterioso.

Um pajé sem tesão, um nigromante  
Das matas de Goiás,  
Sentindo-se incapaz

De bem cumprir a lei do matrimônio,  
Foi ter com o demônio,  
A lhe pedir conselho  
Para dar-lhe vigor ao aparelho,  
Que já de encarquilhado,  
De velho e de cansado,  
Quase lhe sumia entre o pentelho.

À meia-noite, à luz da lua nova,  
Co'os manitós falando em uma cova,  
Ao som de atroz conjuro e negra praga,  
Compôs esta triaga  
De plantas cabalísticas colhidas  
por suas próprias mãos às escondidas.  
Este velho Pajé de piça mole,  
Com uma gota deste feitiço,  
Sentiu de novo renascer os brios  
De seu velho chouriço.

E ao som das inúbias,  
Ao som do boré,  
Na taba ou na brenha,  
Deitado ou de pé,  
No macho ou na fêmea,  
De noite ou de dia,  
Fodendo se via  
O velho pajé!

Se acaso ecoando  
Na mata sombria,  
Medonho se ouvia  
O som do boré  
Dizendo: — “Guerreiros,  
Ó vinde ligeiros,  
Que à guerra vos chama  
Feroz aimoré”,  
— Assim respondia  
O velho Pajé,  
Brandindo o caralho,  
Batendo c’o pé:  
— “Mas neste trabalho,  
Dizei, minha gente,  
Mais forte quem é?  
Quem vibra o marzapo

Sem mais valentia?  
Quem conas enfia  
Com tanta destreza?  
Quem fura cabaços  
Com mais gentileza?"

E ao som das inúbias,  
Ao som do boré,  
Na taba ou na brenha,  
Deitado ou de pé,  
No macho ou na fêmea,  
Fodia o Pajé.

Se a inúbia soando  
Por vales e outeiros,  
À deusa sagrada  
Chamava os guerreiros,  
Nos graus prazentivos,  
De noite ou de dia,  
Ninguém jamais via  
O velho Pajé,  
Que sempre fodia  
Na taba ou na brenha,  
No macho ou na fêmea,  
Deitado ou de pé,

E o duro marzapo,  
Que sempre fodia,  
Qual riço tacape  
A nada cedia!

Vassoura terrível  
Dos cus indianos  
Por anos e anos  
Fodendo passou,  
Levando de roço  
Donzelas e putas,  
No seio das grutas  
Fodendo acabou!  
E com sua morte  
Milhares de gretas  
Fazendo punhetas  
Saudosas deixou...

Feliz caralho meu, exulta, exulta!  
Tu que aos conos fizeste guerra viva,  
E nas guerras de amor criaste calos,  
Eleva a frente altiva;  
Em triunfo sacode hoje os badalos;  
Alimpa esse bolor, lava essa cara,  
Que a Deusa dos Amores,  
Já pródiga em favores,  
Hoje novos triunfos te prepara.

Graças ao santo elixir  
Que herdei do pajé bandalho,  
Vai hoje ficar em pé  
O meu cansado caralho!

Vinde, ó putas e donzelas,  
Vinde abrir as vossas pernas  
Ao meu tremendo marzapo,  
Que a todas, feias ou belas,  
Com caralhadas eternas  
Porei as cricas em trapo...  
Graças ao santo elixir  
Que herdei do pajé bandalho,  
Vai hoje ficar em pé  
O meu cansado caralho!

Sus, caralho! Este elixir  
Ao combate hoje te chama  
E de novo ardor te inflama  
Para as campanhas do amor!  
Não mais ficarás à-toa  
Nesta indolência tamanha,  
Criando teias de aranha,  
Cobrindo-te de bolor.

Este elixir milagroso,  
O maior mimo da terra,  
Com uma só gota encerra  
Quinze dias de tesão;  
Do macróbio centenário  
Ao esquecido marzapo,  
Que já mole como um trapo,  
Nas pernas balança em vão,  
Dá tal força e valentia

Que só com uma estocada  
Põe a porta escancarada  
Do mais rebelde cabaço,  
E pode um cento de fêmeas  
Foder de fio a pavio,  
Sem nunca sentir cansaço.

Eu te adoro, água divina,  
Santo elixir do tesão,  
Eu te dou meu coração,  
Eu te entrego a minha porra,  
Faze que ela, sempre tesa,  
E em tesão sempre crescendo,  
Sem cessar viva fodendo,  
Até que fodendo morra!

Sim, faze que este caralho,  
Por tua santa influência,  
A todos vença em potência,  
E, com gloriosos abonos,  
Seja logo proclamado  
Vencedor de cem mil conos.  
E seja em todas as rodas  
D´hoje em diante respeitado  
Como herói de cem mil fodas,  
Por seus heróicos trabalhos,  
Eleito — rei dos caralhos!

### [VARIÇÃO]<sup>i</sup>

Sou um pajé constipado  
Sou um pajé conturbado  
Sou um pajé contra-bardo  
Guerreiro da criação  
De volúpias nas donzelas  
Fazidas de ervas, elas  
Emprenhadas ficarão.

Irreverente, traquina  
Sem pensar em heroína  
Remete ódio seródio.  
Menestrel e menos tal  
Carretel, corda vocal

Inconstante determina  
Aguardente com serina  
Prodológico fascina  
Poesia fescenina.

Zé Limeira, camarada,  
A tua filosomia,  
Companheira desterrada  
Do pajé, bernardaria  
Se bernardo bernardasse  
E os quelé juveniasse  
Por trepar na escadaria.

“Essa risonha verdura  
Esses bosques, rios, montes,  
Campinas, flores, perfumes,  
Sombrias grutas e fontes?”  
O pajé da picadura  
Traças as conas em cardumes  
Acende 32 lumes  
Prodologicamente.

Em madre-de-deus-do-angu  
Mandado comer só cru  
Quem pensa que deus tem madre  
Quem pensa no angu de Deus  
Se quiser que faça os seus  
50 nomes do padre  
Contando, com um sem sabre  
O caralho de Mateus  
Lenga lenga lenga len  
Ga lenga lenga lenga.

---

<sup>i</sup> Segundo Duda Machado aparece como prólogo nas edições clandestinas do poema.